

ESPECIAL: CONSTANTIN GRICU COM DESIGNER DOS ANOS 50

CASA

VOGUE

ANO 25 - N. 5 - OUTUBRO - EDIÇÃO 34 - R\$ 3,99

MARÉ ALTA

NA DECORAÇÃO:
IDÉIAS PARA CASAS
DE PRAIA

Editor Convidado:
Claudia Bernardes

DICAS
ESPECIAIS
PARA
3 ESTILOS DE
BANHEIRO

E mais:
Scott Bromley,
Alfredo Pimenta,
Caddas A. David,
Casa Cor Rio,
Casa Cor Minas

1004 0104-9232

00134



9 770194 523002

Ponto de Vista.*

"Para mim a humanidade é um vasto motivo de decoração, que vive pelos olhos e pelos ouvidos, e, ainda, pela emoção psicológica. Nada mais quero da vida senão assistir a ela. Nada mais quero de mim senão o assistir à vida". Fernando Pessoa.

Atribuo a Cláudio Bernardes este estado de alma pessoiano. O arquiteto, decorador e designer, meu co-editor convidado para esta edição, também está sujeito às paixões visuais. Contemplador indefinido e apaixonado pelas aparências, ante visual das formas, Cláudio idealiza e realiza. E, nesta *Casa Vogue*, tira do anonimato a arquitetura e decoração praticadas no litoral brasileiro.

Sua é a casa da Ilha das Palmeiras, em Angra dos Reis. Mil vezes já vista e fotografada. Outras mil serão revistas e abençoadas. Cláudio sabe, com todo o sentimento de sua inteligência, que este esconderijo guarda os momentos mais bonitos que viveu na vida. Pretexto suficiente para apresentar novamente seu fogão-palhoça, desta vez capturando através do olhar sensível do fotógrafo Tuca Reinés.



Detalhe do interior da casa de Cláudio Bernardes, na Ilha das Palmeiras, em Angra dos Reis.

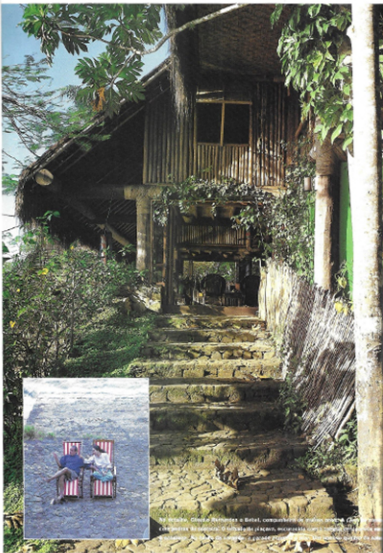


Adriana, o arquiteto Cláudio Bernardes e, ao fundo, Paulo Jacobson, seu sócio há mais de 20 anos.

Foi Tuca também quem navegou pelas formas da escuna de 80 pés, um dos muitos barcos que cruzam as águas de Angra. Foi o fotógrafo quem mergulhou no projeto de Alfredo Pimenta, arquiteto das três casas de Camburi. Personalizadas pelos donos, cada uma traz a marca das coisas do mar, traduzida por um móvel, um novo detalhe de arquitetura ou simplesmente na maneira pessoal de lidar com os objetos do cotidiano.

De Angra, mostramos também uma casa protegida do vento leste, projeto do arquiteto Cadas Abranches David. Para finalizar, a casa do arquiteto Scott Bromley, em Fire Island, um octógono de princípios simétricos, construído sem labirintos, corredores ou excessos. Dicas de hotéis e restaurantes que valem a pena conhecer estão na seção Turismo, assinada por Cynthia Garcia. E um panorama da Casa Cor Rio e Casa Cor Minas na seção Tendências.

Clarissa Schneider



Na Ilhota, Gereja Remonter e Betel, compõem-se de madeira serrada. (Foto: J. P. Reis)
e construídas de madeira. O edifício da igreja, incorporada com o templo, é construído em
madeira. A igreja de madeira, a igreja de madeira, a igreja de madeira, a igreja de madeira.



A arquitetura de um Sonho

Cláudio Bernardes confessa seu amor por Angra dos Reis, relembra a construção de seu loft-palhoça e ensina aos desavisados a escutar os ruídos da natureza.

POR CLÁRESSA SCHNEIDER FOTOS TUCA REINES



A casa da Ilha das Palmeiras mostra a preferência do arquiteto por materiais brasileiros. A construção de espaços abertos tem estrutura de madeira bruta, telhado de palha e amarrações de fibra. Atenção para os detalhes de amarramento das colunas, muitas delas coloridas com tons fortes. Num dos cantos da sala, a imensa mesa de madeira, de 4 metros e meio, reúne até 18 pessoas no verão. A escada, tinteira, leva à sala de 250 m². A cozinha aberta tem um balcão de 1,3m de largura. "É ali que tudo acontece", explica o arquiteto. É o espaço preferido da casa para os bate-papos de final de semana. Na página ao lado, a iluminação cenital traz o sol para dentro de casa e reforça a integração com a natureza. Os móveis da varanda foram desenhados por Cláudio Bernardes há dez anos. Uma nova linguagem, essencial, natural, é construída com valores estéticos próprios.





ESTRELA CAIDENTE DEIXA UMA LUZ, QUANDO PASSA, ACHO que a gente também tem de deixar uma luz, um rastro de luz." No meio de uma conversa de fim de tarde, Cláudio Bernardes solta essa máxima. E sorri. Ele próprio vive a sua crença.

Cláudio tem espírito de arquiteto. Mas não tem diploma. Chegou a Santa Úrsula no quarto ano, por causa de uma briga com o professor de Plástica. "Eu era caprichoso e criativo nos trabalhos, mas não assistia às aulas", reconhece. Acusado de terminar os estudos, matriculou-se na Be- No primeiro dia de escola, uma surpresa desagradável: o professor de artes plásticas era o mesmo que o pai. Foi por estas e outras que Cláudio abandonou a carreira acadêmica. O que não o impediu de se tornar um arquiteto que é. Sensível e criativo. De origem portuguesa e brasileira.

Aos 14 anos, seu destino profissional estava traçado por um professor mais rigoroso. O pai, o polêmico arquiteto Sérgio Bernardes, o presenteou com um bloco de papel milimetrado e sugeriu: "Você nasceu arquiteto. Tudo o que você faz é em função do espaço."

O conselho paterno foi seguido à risca.

Dois anos e muitos desenhos depois, o aprendiz de feiticeiro vingaria seu primeiro projeto: um tapume de obras. Um primeiro passo para quem, aos 18 anos, tinha seu próprio escritório e algumas obras em curso. Foi nesta mesma época que Cláudio resolveu tomar um banho de civilização. Rumou para a Inglaterra, onde internou-se por um ano no Dane and House, um colégio distante 15 minutos de Cambridge. Após a "vida na prisão", como ele conta, foi torrar tudo o que tinha em Paris, para depois seguir na maior aventura de sua vida. A peripécia era atravessar o deserto de Saara. Um fotógrafo francês e um guia foram

Para garantir o conforto, uma rede de apoio sustenta o vibrante tapete de sisal e tecido de fibra natural. Sobre as poltronas tecidas à mão, o clima tropical, do passado, em geral forte, acoustica e gosto amado do Cláudio Benedito. Muspeteiros servem de proteção para o local de repouso.





suas únicas companhias durante a travessia. "Foi quando conheci o céu mais bonito que já vi na vida e tive a certeza de que a terra é redonda", relembra.

Aos 18 anos, o arquiteto iniciou o namoro com Angela Reis.

Apoixonado pelas ilhas, era um frequentador assíduo da região, na qual praticava pesca submarina, nas horas de folga.

"Aqui eu farei uma casa maravilhosa, e ela vai ser aprovada pela natureza", sentenciou, profético, olhando para a Ilha das Palmeiras.

Cláudio relata com entusiasmo os três anos que levou na construção. Diz que trabalhava ferozmente em São Paulo para realizar o sonho na ilha. A baleeira Vira Mundo, que está na família até hoje, serviu de cama durante a obra. "Ali eu carregava toneladas de 10 metros de comprimento, cimento, pedras e tudo o que você pode imaginar. Foi uma loucura".

A casa, um imenso loft de 750 m², tem estrutura de madeira bruta, telhado de palha, amarrações de fibra e grãos para quartos e banheiros. Um loft-palhoça, brasileiro, tupiniquim. Não parece em nada com a arquitetura que se vê no litoral brasileiro. As referências, mesmo distantes, remetem a uma construção de espaços abertos, integrada à natureza.

Os interiores — incluindo o mobiliário —, também refletem uma nova linguagem. Essencial. Natural. Considerada com valores estéticos próprios.

O limite entre a casa e o mar não é claro. O primeiro começa onde o outro termina. É a arquitetura explorando



a estética litorânea e evocando ali um cenário inusitado, luminoso, propício para o prazer. É lindo. O sonho de Cláudio Bernardes faz a gente sonhar.

A escada de 30 metros desce até o mar. É por ela que o proprietário chega toda sexta-feira, às 23h30, faça chuva ou faça sol. Se está sozinho, sente saudades de Bebel, com quem está casado há 24 anos. Nostálgico, senta nas pedras e fica contemplando o horizonte, horas a fio.

Nestas horas, Cláudio lembra de Benedito.

O caseiro de outros tempos tinha ouvidos atentos. Benedito percebia os ruídos da natureza. Contava que ouvia um cardume de tainhas passando e perguntava quem havia escutado. Pode?

"Hoje, quando estou em silêncio, escuto os botos na frente de casa. Mas, não vai contar isso. Vão dizer que eu estou louco", desmente o arquiteto.

Cláudio não parece maluco. Faz-me pensar em um homem apaixonado. Fala de sua casa como quem fala de uma mulher. Sente tesão por ela. Os olhos brilham ao explicar a planta, deslizando o dedo sobre o papel imaginário. Sua expressão se transforma quando conta do prazer que experimenta nas noites de sexta-feira, enquanto segue de lancha até a ilha, e contempla o vulto amarelo da amada à distância. Segundos de voyeurismo são o suficiente para que ele tire a roupa e se entregue aos delírios do mar.

A travessia leva 20 minutos. Na casa, quatro empregados estarão de prontidão, a mesa posta e um jantar que, segundo o patrão, é uma verdadeira orgia.